

Centro de Estudos Geográficos
da Universidade de Lisboa

SABERES GEOGRÁFICOS E GEOGRAFIA INSTITUCIONAL

Francisco Roque de Oliveira
Daniel Paiva
(organização)

**Relações
luso-brasileiras
no século XX**



Organização de
Francisco Roque de Oliveira
Daniel Paiva

SABERES GEOGRÁFICOS E GEOGRAFIA INSTITUCIONAL

Relações luso-brasileiras no século XX

Lisboa, 2019

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Saberes geográficos e Geografia institucional: relações luso-brasileiras no século XX

Organizadores

Francisco Roque de Oliveira e Daniel Paiva

Editor

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Capa

João Rodrigues

Design

EuropressLab

Impressão e acabamento

Europress – Indústria Gráfica

© Autores, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

ISBN

978-972-636-284-5

Depósito legal

462718/19

Tiragem

250 exemplares

Outubro de 2019

Índice

Saberes geográficos e Geografia institucional. Apresentação	7
FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA, DANIEL PAIVA	

I. A PRÁTICA DA GEOGRAFIA

Sessão inaugural do I Colóquio Luso-Brasileiro de Teoria e História da Geografia (Lisboa, 2017)	19
---	----

Apresentação da sessão	21
JORGE MALHEIROS	

Reflexões sobre o relacionamento entre as Geografias portuguesa e brasileira das décadas de 1960-80	25
SUZANNE DAVEAU	

De De Martonne a Deleuze e Guattari	39
PEDRO GEIGER	

Debate	49
--------	----

II. RELAÇÕES RECÍPROCAS

As Sociedades de Geografia no Brasil e a anatomia pátria (1878-1945)	65
CRISTINA PESSANHA MARY, LUCIENE CARRIS CARDOSO	

«Por mares nunca dantes navegados...» <i>O Mediterrâneo</i> de Braudel e a orientação atlântica de Jaime Cortesão: um estudo das relações entre Geografia e História na primeira metade do século XX	79
EDUARDO HOLDERLE PERUZZO	

O Brasil e a Geografia brasileira nas revistas académicas portuguesas do século XX: produção, temas e redes	93
DANIEL PAIVA, JONATHAN FELIX RIBEIRO LOPES, FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA	

Portugal na obra do brasileiro Josué de Castro	107
GLEYDSON GONZAGA DE LUCENA	

A metáfora orgânica na Geografia Urbana de Aroldo de Azevedo e Orlando Ribeiro **125**

DANIEL PAIVA, FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA

À procura de Milton Santos: notas sobre o intercâmbio e a influência na Escola de Geografia de Lisboa **141**

THIAGO MACHADO, ANDRÉ CARMO, JORGE MALHEIROS

Leituras, interpretações e percursos da obra *O Mito da Desterritorialização* (de Rogério Haesbaert) na Escola Geográfica de Coimbra **165**

JOÃO LUÍS J. FERNANDES

Aquilino Ribeiro no Brasil. Narrativas literárias e a rede de influência dos itinerários intelectuais **191**

AQUILINO MACHADO

Fontes para a Geografia Histórica no Brasil e em Portugal **219**

PEDRO DE ALMEIDA VASCONCELOS

III. TEMAS GERAIS, CAMINHOS SINGULARES

O papel do ensino da Geografia no contexto da afirmação da ciência geográfica em Portugal: o contributo de Manuel António Ferreira-Deusdado **235**

RICARDO COSCURÃO

A Geografia Tropical portuguesa e o Ensino Superior em África: o percurso de três jovens geógrafas em Moçambique nos anos 70 do século XX **253**

JOÃO SARMENTO

O território no pensamento geográfico brasileiro contemporâneo **271**

ANA CRISTINA DA SILVA

Vulnerabilidades socioespaciais: formas e conteúdos da urbanização recente **289**

NELBA AZEVEDO PENNA

Governança climática e a floresta amazônica: analisando o desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira sob o olhar da geógrafa Bertha Becker **301**

FRONIKA DE WIT

A metáfora orgânica na geografia urbana de Aroldo de Azevedo e Orlando Ribeiro¹

Daniel Paiva

Centro de Estudos Geográficos
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
Universidade de Lisboa
daniel.paiva@campus.ul.pt
ORCID: 0000-0001-9701-4705

Francisco Roque de Oliveira

Centro de Estudos Geográficos
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
Universidade de Lisboa
f.oliveira@campus.ul.pt
ORCID: 0000-0002-5854-8971

Introdução

Aroldo de Azevedo e Orlando Ribeiro foram figuras proeminentes da Geografia lusófona. Aroldo de Azevedo foi professor de Geografia na Universidade de São Paulo entre 1945 e 1967, tendo sido o primeiro professor catedrático de Geografia no Brasil (Müller, 1974). Orlando Ribeiro foi professor de Geografia na Universidade de Lisboa entre 1943 e 1981, onde criou o Centro de Estudos Geográficos em 1943 e lançou a *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia* em 1966 (Garcia, 1998; Paiva, 2013). Tanto Azevedo como Ribeiro foram fortemente influenciados por conceitos e categorias próprios da epistemologia de Vidal de la Blache, «pai fundador» da Escola francesa de Geografia. Durante as respectivas carreiras, foram figuras centrais no estabelecimento do pensamento vidaliano nas academias brasileira e portuguesa, tendo influenciado uma geração de geógrafos lusófonos. Pese embora o ecletismo das obras que legaram, a Geografia Urbana constitui um campo de estudos privilegiado na carreira de ambos, contando-se mais de trinta publicações

¹ Este capítulo retoma e desenvolve temáticas já exploradas em Paiva e Oliveira (2019). Investigação realizada no âmbito do Projecto «Saberes geográficos e Geografia institucional: influência e relações recíprocas entre Portugal e o Brasil no século XX» – FCT/CAPES (Proc. 44.1.00 CAPES / 8513/14 -7).

neste campo assinadas por cada um dos autores. Apesar das muitas diferenças existentes entre a realidade das cidades brasileiras e portuguesas, é interessante notar que Ribeiro e Azevedo partilhavam uma linguagem e conceitos comuns, em certos sentidos trabalhada e adaptada pelos dois geógrafos de modo semelhante e até original, circunstância que a adopção de uma matriz teórica francesa comum explica no essencial.

Neste estudo, pretendemos traçar as geografias urbanas de Aroldo de Azevedo e Orlando Ribeiro, e compreender as suas convergências através de uma abordagem às metáforas orgânicas comuns a estes dois autores. Embora existam compilações úteis da bibliografia de Geografia Urbana de ambos (Azevedo, 1964; Ribeiro, 2014), é de assinalar que não foi elaborada até à data nenhuma síntese desse mesmo capítulo das suas obras. Por esse motivo, antes de abordarmos as referidas confluências em torno do emprego recorrente da ideia de organismo, iremos mapear e descrever a evolução temporal dos estudos de Geografia Urbana de Azevedo e Ribeiro.

Esta abordagem à linguagem científica dos autores decorre da maior atenção que vem sendo dada ao papel da linguagem na construção do conhecimento científico, e, em particular, no campo dos estudos urbanos. A complexidade das cidades – as quais, atendendo pela natureza interdisciplinar da sua investigação, têm carecido de um corpo de conhecimento coeso –, tem levado vários autores de referências a recorrer a metáforas para o seu estudo (Lynch, 1981; Mehmood, 2010; Solesbury, 2013; Gerber & Patterson, 2014). Estas advêm frequentemente de corpos de conhecimento mais estabelecidos em outras disciplinas: metáforas orgânicas provenientes da biologia e medicina, metáforas mecânicas provenientes da engenharia, metáforas políticas provenientes da ciência política, entre outras (Nientied, 2016). Estas metáforas são mais do que meros adornos da escrita científica, antes constituem instrumentos de reflexão, que moldam o modo como se pensa a realidade urbana e, conseqüentemente, têm um peso significativo nas conclusões da investigação (Lynch, 1981; Gerber & Patterson, 2014; Nientied, 2016).

A Geografia Urbana de Azevedo e Ribeiro ancora-se sobretudo em metáforas orgânicas. De facto, as metáforas comumente usadas em estudos urbanos têm sido as metáforas orgânicas, sendo a abordagem metabólica da Escola de Chicago aquela que deixou um maior legado (Gandy, 2004; Swyngedouw, 2006; Schilders, 2010). No entanto, as metáforas orgânicas de Azevedo e Ribeiro revelam uma linhagem diferente, tendo essencialmente raiz na concepção de organismo adoptada pela epistemologia vidaliana, que equiparava o espaço geográfico da cidade a um corpo humano, acentuando assim o carácter natural das combinações observadas nesse mesmo espaço (Blanchard, 1911; Lavedan, 1936). A alusão ao orga-

nismo constituiu um tópico recorrente na literatura geográfica da viragem do século – de Friedrich Ratzel a Elisée Reclus, de Raoul Blanchard a Jules Sion –, mas teve no estudo sobre Grenoble de Blanchard a formulação aplicada à cidade que seria replicada pela Geografia Urbana «clássica» francesa subsequente (Costa Gomez, 1993; Deneux, 2000).

Nas secções seguintes, abordaremos a evolução temporal dos estudos de Geografia Urbana de Azevedo e Ribeiro. Na sequência disso, evidenciaremos os traços comuns relativos ao uso de metáforas por parte destes dois autores. Seguir-se-á uma breve reflexão tanto sobre a significado destas metáforas para a Geografia Urbana «lusófona» de matriz vidaliana, como para a aparente especificidade de algumas das suas propostas.

A Geografia Urbana de Aroldo de Azevedo

O campo da Geografia Urbana constituiu um dos principais interesses de Aroldo de Azevedo ao longo da sua carreira (Figura 1). Antes de ter defendido a sua tese de doutoramento sobre os subúrbios ocidentais de São Paulo (Azevedo, 1945), Azevedo já publicara uma série de artigos sobre cidades brasileiras, nomeadamente Salvador (Azevedo, 1942, 1944a), São Paulo (Azevedo, 1943, 1944b) e Goiânia (Azevedo, 1941).

Se Azevedo encontrou em Salvador uma cidade histórica fundada pelos portugueses durante o período colonial, nos casos de São Paulo e Goiânia lidou principalmente com os projetos urbanos de larga escala do século XX. Como veremos, esta diferenciação de processos de desenvolvimento urbano permanecerá um aspecto central do trabalho que realizou ao longo da sua carreira. Após o doutoramento, Azevedo mantém-se prolífico no campo da Geografia Urbana. O geógrafo continua a trabalhar sobre Salvador (Azevedo, 1950a, 1951a, 1954a) e São Paulo (Azevedo, 1951b, 1953a), mas também aborda outras cidades. É o caso de São Luís do Maranhão (1951c), a única cidade brasileira fundada pelos franceses; Lorena (1954b), a cidade natal de Azevedo, no Estado de São Paulo, e também Juazeiro e Petrolina, duas cidades separadas pelo rio São Francisco, que ele considera serem «cidades gémeas» (Azevedo, 1946a, 1946b, 1950b). Também publica uma série de artigos fotográficos sobre cidades brasileiras na revista *Boletim Paulista de Geografia*, designadamente sobre São Paulo, Teresina e Cuiabá – todas estas capitais de estados brasileiros (Florençano & Azevedo, 1950; Azevedo, 1951d, 1953b).



Figura 1. As cidades estudadas por Aroldo de Azevedo. Fonte: autores.

Em 1956, Azevedo publica as suas duas principais obras de Geografia Urbana: um trabalho sobre as cidades e vilas do Brasil colonial (1956a), e uma obra colectiva em quatro volumes sobre a cidade de São Paulo (1956b). Na primeira, Azevedo (1956a) refere-se ao seu trabalho como uma «geografia urbana retrospectiva», argumentando que a história das cidades brasileiras não fora devidamente explorada pelos historiadores, e que os geógrafos deviam abordar o assunto, mas sem seguir metodologias historiográficas que não estavam preparados para utilizar. A «geografia urbana retrospectiva» de Azevedo consistia na reconstituição da evolução das cidades brasileiras através da análise das respectivas datas de fundação e de dados estatísticos sobre a população em vários períodos históricos. A obra em quatro volumes sobre São Paulo também incluía um primeiro volume focado na análise da evolução histórica da população de São Paulo (Vasconcelos, 2012).

Depois de 1956, Azevedo continuou a publicar artigos de estilo monográfico sobre cidades brasileiras, mas o seu foco principal passou então a ser teorizar a génese das cidades brasileiras. Numa série de artigos, Azevedo (1957a, 1957b, 1959) abordou os estágios iniciais do desenvolvimento urbano no Brasil colonial, referindo-se às formas iniciais das cidades como «embriões de cidades». O material destes artigos foi mais tarde revisto e compilado num capítulo sobre cidades integrado numa das mais importantes obras colectivas que dirigiu, *Brasil, a Terra e o Homem* (Azevedo, 1964). Neste período, Azevedo não apenas continuou a escrever sobre São Paulo (Azevedo, 1960, 1961a), mas também estudou a pequena cidade mineira Barão de Cocais (Azevedo, 1956c), a capital do Estado de Minas Gerais, Cuiabá (Azevedo, 1957c), as vilas suburbanas Itaquera e Poá, em São Paulo (Azevedo, 1958), a cidade média Garanhuns (1961b), e Santos, a maior cidade portuária do Brasil (Azevedo, 1965).

A Geografia Urbana de Orlando Ribeiro

O interesse de Orlando Ribeiro pela Geografia Urbana regista-se desde o início da sua carreira, nos anos 30 do século passado (Daveau, 2014). Conforme o raciocínio especulativo do pensamento vidaliano, que assentava na articulação fundamental de «factos naturais» e de «factos culturais» (Deneux, 2000), já nesse momento Ribeiro assume uma analogia entre a cidade e a natureza, argumentando que, tal como «algumas substâncias da Natureza, também há cidades que se formaram e desenvolveram em torno de um *núcleo*» (Ribeiro, 1935/2014, p. 15.). No entanto, até aos anos 50, este interesse não constitui uma preocupação central nos seus estudos.

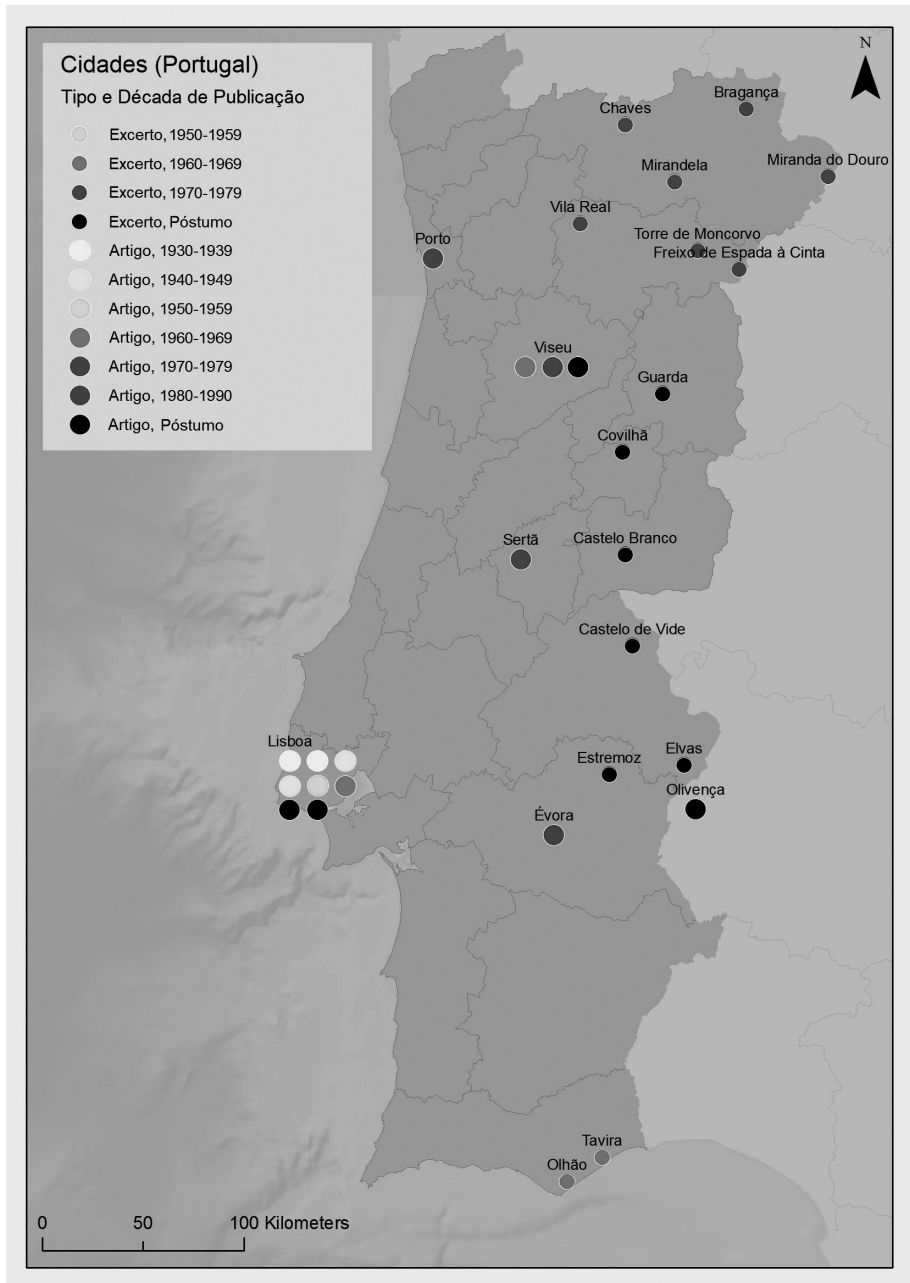


Figura 2. As cidades portuguesas estudadas por Orlando Ribeiro. Fonte: autores.



Figura 3. As cidades americanas estudadas por Orlando Ribeiro. Fonte: autores.

Orlando Ribeiro e Aroldo de Azevedo conhecem-se pessoalmente no decurso do XVI Congresso Internacional de Geografia, realizado em Lisboa em 1949 (Ribeiro, 2017, p. 565). Depois desta data, Ribeiro começa a publicar com maior frequência sobre a geografia das cidades, se bem que os seus escritos mais importantes neste campo sejam datados das décadas de 1960 e 1970 (Figuras 2, 3 e 4). Daveau nota que, durante os anos 70, Ribeiro preparou estudos aprofundados sobre cidades, mas «[a] falta de saúde não lhe ia permitir concluir nenhum», embora nos tenha deixado «achegas mais ou menos desenvolvidas e acabadas» (Daveau, 2014, p. 11).

Inicialmente, Ribeiro interessou-se por Lisboa – e, em particular, pela génese, crescimento e estrutura da cidade –, que abordou em cinco artigos (Ribeiro, 1935/2014, 1938, 1946, 1947, 1955a). Nos anos 50, após visitar o Brasil – ocasiões em que Azevedo e alguns dos seus colegas da Universidade de São Paulo o guiaram em breves visitas realizadas aos arredores da metrópole paulista (Ribeiro, 1978/2014) –, Ribeiro focou-se na geografia urbana desse país, designadamente São Paulo (Ribeiro, 1955b), mas também Ouro Preto, Quixadá, Salvador, Recife e Rio de Janeiro (Ribeiro, 1952/2014). Durante os anos 60, os casos de estudo de Ribeiro diversificam-se, tendo estudado cidades do Algarve (Ribeiro, 1961/2013), do México (Ribeiro, 1965/2014, Veneza (Ribeiro, 1966) e, ainda, Lisboa (Ribeiro, 1964/2014, 2014a, 2014b). Neste período, Ribeiro dedica-se também à escrita de alguns textos teóricos e metodológicos sobre Geografia Urbana (Ribeiro, 1963, 1967, 1969). Perto do final desta década, Ribeiro desloca a sua atenção para o norte de Portugal, e escreve sobre Viseu (Ribeiro, 1968, 1970a, 2014c), Porto (Ribeiro, 1975), Sertã (Ribeiro, 1970b), cidades da Beira Interior – Guarda, Covilhã, e Castelo Branco (Ribeiro, 2014d) –, e também sobre centros urbanos de Trás-os-Montes, como Bragança, Vila Real, Freixo de Espada à Cinta, Chaves, Miranda do Douro, Torre de Moncorvo e Mirandela (Ribeiro, 1972).

No final dos anos 70 – e em grande medida como resposta à tese genérica sobre os modelos do urbanismo colonial ibérico proposta por Sérgio Buarque de Holanda na 2.^a edição de *Raízes do Brasil* (Holanda, 1947/1995) –, Orlando Ribeiro começa o seu grande projecto de Geografia Urbana: o estudo comparativo de cidades espanholas e portuguesas no mundo, estudo este que não teve tempo de terminar (Oliveira, 2001, 2002). Parte deste esforço materializou-se na escrita de uma série de textos sobre Toledo (Ribeiro, 1977-1982/2014, 2014e, 1988) e em alguns apontamentos sobre Córdoba (Ribeiro, 2014f), bem como numa série de textos comparativos sobre cidades espanholas e portuguesas (Ribeiro, 1981, 2014g, 2014h, 2014i). Durante este período, também se dedica a núcleos urbanos de Portugal que não estudara antes, nomeadamente do Alentejo, como Évora (Ribeiro, 1986, 2014j), Castelo de Vide, Elvas e Estremoz (Ribeiro, 2014k), além da cidade fronteira de Olivença (Ribeiro, 2014l).

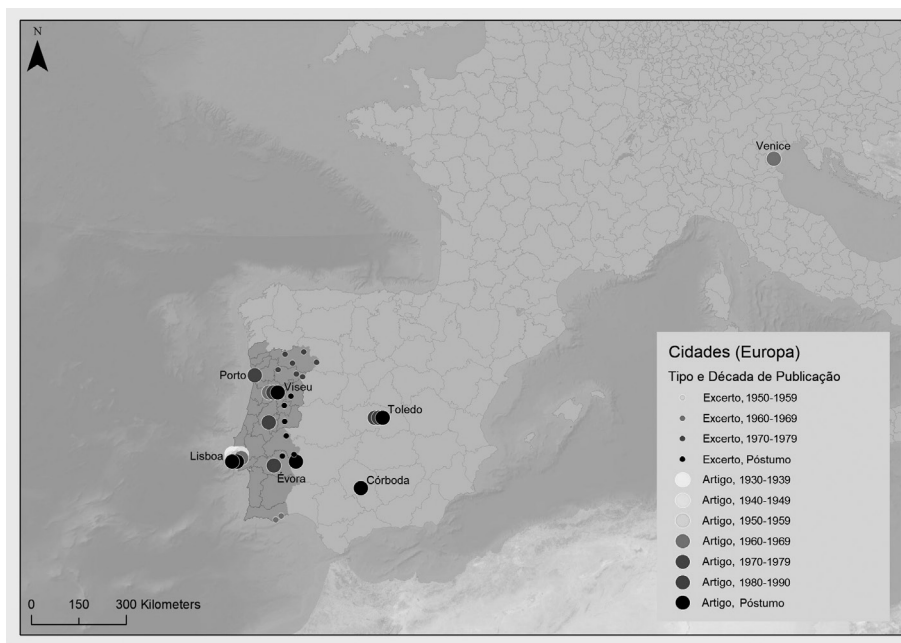


Figura 4. As cidades europeias estudadas por Orlando Ribeiro. Fonte: autores.

Metáforas orgânicas comuns a Aroldo de Azevedo e a Orlando Ribeiro

Encontram-se, essencialmente, três tipos de metáforas orgânicas nos trabalhos de Aroldo de Azevedo e Orlando Ribeiro: fisionómicas, do ciclo de vida e de familiaridade. As metáforas fisionómicas caracterizam-se por analogias entre a organização fisiológica de um corpo vivo – humano ou animal – e a forma ou o funcionamento do corpo social representado pela cidade. Estas encontram-se tanto em Azevedo como em Ribeiro, quando, por exemplo, se referem aos centros históricos urbanos como sendo o «coração» das cidades (Florençano & Azevedo, 1950; Ribeiro, 1968) e aos subúrbios como «tentáculos» (Azevedo, 1951b; Ribeiro, 1963). É especialmente notório o conceito de «embriões de cidades» que Azevedo (1957a, 1957b, 1959, 1964) desenvolve para se referir às formas iniciais de cidades, um termo que será depois usado por Ribeiro (1963) – antes disso este preferira empregar o termo «núcleo» (Ribeiro, 1935/2014), como vimos, ou designações alternativas como «sítio genético» (Ribeiro, 1938) e «germe da urbe» (Ribeiro, 1945/2011). De igual modo, ao descrever a expansão urbana Ribeiro também oscila entre o termo «tentáculos», usado por Azevedo, e o termo «metástases», qualquer um deles com evidentes conotações organicistas (Ribeiro, 1955, 1963). Em qual-

quer caso, a organicidade do urbano em Orlando Ribeiro vai para além do uso metafórico de Aroldo de Azevedo, como quando Ribeiro personifica a cidade afirmando que esta tem uma «personalidade», «biografia» (Ribeiro, 1969) e «espírito» (Ribeiro, 1977-1982/2014).

Por outro lado, a metáfora organicista aplicada à cidade também se exprime nos dois autores quando estes estabelecem uma analogia entre o ciclo de vida de seres vivos e o ciclo de vida urbano. Azevedo (1964) é mais explícito nesta analogia ao desenvolver a ideia do ciclo vital da cidade, afirmando que todas as cidades nascem, crescem, desenvolvem-se, atingem a maturidade e podem morrer, tanto na juventude como de velhice. Azevedo (1964) acrescenta que as cidades, tal como qualquer ser vivo, podem morrer por violência, decadência ou, mesmo, hibernar. Ribeiro, por outro lado, limita-se a fazer referência aos sítios «embriões» de cidades, assim como a recorrer à imagem que associa as ruas e o seu crescimento a artérias que interligam os órgãos vitais da cidade (Ribeiro, 1963).

Por último, quer Aroldo de Azevedo quer Orlando Ribeiro referem a existência de famílias de cidades, o que se pode considerar um prolongamento da ideia da cidade enquanto corpo, no sentido em que estas são entendidas como diferentes corpos da mesma espécie, estando ligadas por relações de parentesco. Neste aspecto, Azevedo é menos desenvolvido, pois apenas ensaia esporadicamente estas relações de tipo familiar, como quando se refere a São Paulo como uma «cidade-mãe» (Azevedo, 1961) e a Juazeiro e Petrolina como «cidades-gêmeas» (Azevedo, 1946a, 1946b, 1950b). Na mesma linha, afirma também a existência de famílias de cidades definidas pela respectiva similitude, decorrente de serem, por exemplo, cidades portuárias, industriais ou culturais.

Por seu lado, Orlando Ribeiro considera igualmente que existem famílias de cidades, mas acrescenta a ideia segundo a qual algumas destas linhagens decorrem de processos históricos associados a especificidades nacionais. Este conceito de família de cidades é central para a análise comparativa que Ribeiro faz entre as cidades espanholas e as cidades portuguesas no mundo (Ribeiro, 1981, 2014g, 2014h, 2014i). Ribeiro argumenta que cidades «do mesmo *tipo*, da mesma *família*, revelam certa semelhança, que, na hereditariedade, se imputa à carga genética» (1969, p. 181). Neste sentido, identifica a Plaza Mayor, no caso espanhol, e a Rua Direita, no caso português, como os principais elementos fisionómicos que definem a genética das respectivas famílias urbanísticas (Ribeiro, 1981, 2014g, 2014h, 2014i).

No essencial, trata-se de um contributo específico para o debate alargado sobre a história do urbanismo hispânico que já então envolvia historiadores de arte, arquitectos e outros geógrafos a partir da referida síntese proposta por Sérgio Buarque em 1947, debate esse centrado na produção urbana colonial na América

e fortemente condicionado por visões nacionalistas, conforme a pretensa dualidade existente entre uma geografia urbanística portuguesa e um modelo espanhol contrastado (Rossa, 2015). Seja como for, o facto é que, ao ensaiar estas correspondências alargadas, Ribeiro ensaia também a identificação de um conjunto de regularidades. Fazendo-o – e pese embora se situar aquém da generalização própria de uma teoria específica para a cidade –, o seu exercício parece escapar já ao estágio monográfico dos estudos clássicos de Geografia Urbana de matriz francesa, que eram muito condicionados pela necessidade de identificar os efeitos das condições físicas da «situação» das cidades na sua origem e desenvolvimento (Cosinschi & Racine, 1998).

Conclusão

As geografias urbanas que Aroldo de Azevedo e Orlando Ribeiro descrevem nas suas obras repartem-se por vários continentes. Mesmo no caso de Azevedo, que apenas escreveu sobre as cidades brasileiras, é assinalável a diversidade de casos tratados. Na evidência de uma soma de casos urbanos também eles muito distintos, o que desde logo há de semelhante nos exercícios de Geografia Urbana praticados por Azevedo e Ribeiro são os conceitos e as categorias que sustentam e aproximam o seu entendimento das realidades urbanas. O levantamento que fizemos das metáforas orgânicas presentes nas obras dos dois geógrafos não só releva uma linguagem partilhada, como também ideias fundamentais comuns aos dois autores. É assim que conceitos como «fisionomia», «ciclo de vida» e «família» de cidades, absolutamente centrais nas suas obras, ancoram-se, afinal, no entendimento da cidade enquanto organismo semelhante a um corpo humano ou animal. No entanto, registam-se aplicações originais destes conceitos, seja por parte de Azevedo em relação à origem das cidades brasileiras, seja por parte de Ribeiro em relação à urbanização de novos territórios no quadro alargado das experiências coloniais portuguesa e espanhola, designadamente na América.

Os trabalhos de Azevedo e Ribeiro marcaram a agenda de investigação em Geografia Urbana durante quase quatro décadas no Brasil e em Portugal (1940-1980). Neste período, verificou-se a mais intensa interacção entre a Geografia brasileira e portuguesa registada durante o século XX, a qual, por sua vez, assentou em grande parte em estudos de Geografia Urbana (ver Paiva, Lopes, & Oliveira, este volume). Este estudo inicial sobre as metáforas nas obras de Azevedo e Ribeiro revela o entrosamento entre estes dois autores-chave, mas também abre uma série de questões acerca do que haverá de comum ou de divergente entre os trabalhos

geográficos sobre o urbano dos discípulos dos dois autores que seguiam a mesma matriz teórico-metodológica. Dito de outro modo, até que ponto um domínio de estudos como este que, de acordo com a boa tradição vidaliana, assenta numa aproximação essencialmente descritiva e indutiva, não adquire em alguns dos estudos que resenhámos uma ambição explicativa, abrindo com isso uma fissura no paradigma vigente da Geografia Urbana «lusófona» de matriz francesa?

Bibliografia

- AZEVEDO, A. (1941). Goiânia – uma cidade “criada”. *Revista Brasileira de Geografia*, III (1), 3-19.
- AZEVEDO, A. (1942). La ciudad del Salvador. El reconcavo de la Bahia. *Revista Geográfica Americana*, XVIII (108), 167–196.
- AZEVEDO, A. (1943). Subúrbios de São Paulo. Primeiros Estudos. *Anuário da Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae”*.
- AZEVEDO, A. (1944a). A cidade do Salvador. Recôncavo da Bahia. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP*, 38.
- AZEVEDO, A. (1944b). Os subúrbios de São Paulo e suas funções. *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, IV (4).
- AZEVEDO, A. (1945). *Os Subúrbios Orientais da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Nacional.
- AZEVEDO, A. (1946a). Juazeiro. A região do Juazeiro e Petrolina. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP*, 65.
- AZEVEDO, A. (1946b). Petrolina. A região do Juazeiro e Petrolina. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP*, 65.
- AZEVEDO, A. (1950a). A cidade do Salvador: características, evolução e funções. Recôncavo da Bahia: estudo de geografia regional. *Revista da Universidade de São Paulo*, 1, 141-162.
- AZEVEDO, A. (1950b). Juazeiro e Petrolina, Cidades Gêmeas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, XLV, 145-158.
- AZEVEDO, A. (1951a). La capitale: Salvador (ou Bahia). Salvador et le reconcavo de Bahia. *Cahiers d’Outre-mer*, 15, 189-203.
- AZEVEDO, A. (1951b). São Paulo, cidade tentacular. *Paulistânia*, 38, 131.
- AZEVEDO, A. (1951c). São Luís do Maranhão: primeiros estudos. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP*, 120.
- AZEVEDO, A. (1951d). Teresina, capital do Piauí. *Boletim Paulista de Geografia*, 8, 59-67.
- AZEVEDO, A. (1953a). São Paulo. Stadt des dynamischen Wachstums. In: E. Schaden (ed.), *Staden Jahrbuch* (Vol. 3, pp. 31-42). São Paulo: Instituto Hans Staden.
- AZEVEDO, A. (1953b). Cuiabá, capital de Mato Grosso. *Boletim Paulista de Geografia*, 15, 69-79.

- AZEVEDO, A. (1954a). A cidade do Salvador. In: A. Azevedo (ed.), *Regiões e paisagens do Brasil* (pp. 128-140). São Paulo: Editora Nacional.
- AZEVEDO, A. (1954b). *Aspetos de Lorena Imperial (esboço de geografia urbana retrospectiva)*. São Paulo: Editora Nacional.
- AZEVEDO, A. (1956a). *Vilas e cidades do Brasil colonial, Boletim n° 208*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- AZEVEDO, A. (1956b). *A Cidade de São Paulo. Estudos de Geografia Urbana*. São Paulo: Editora Nacional.
- AZEVEDO, A. (1956c). Barão de Cocais (Estudo geográfico de um pequeno centro siderúrgico de Minas Gerais). *Anais da Associação de Geógrafos Brasileiros, IV* (II).
- AZEVEDO, A. (1957a). Embrões de cidades brasileiras. *Boletim Paulista de Geografia, 25*, 31-69.
- AZEVEDO, A. (1957b). Arraiais e corruptelas. *Boletim Paulista de Geografia, 27*, 1-26.
- AZEVEDO, A. (1957c). Cuiabá. Estudo de geografia urbana. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, VII* (II).
- AZEVEDO, A. (1958). Itaquera e Poá. Subúrbios residenciais. In: A. Azevedo (ed.) *A Cidade de São Paulo. Estudos de Geografia Urbana* (Vol. IV). São Paulo: Editora Nacional.
- AZEVEDO, A. (1959). Aldeias e aldeamentos de índios. *Boletim Paulista de Geografia, 33*, 23-40.
- AZEVEDO, A. (1960). São Paulo. Metrôpole do planalto. In: A. França (ed.), *A marcha do café e as frentes pioneiras*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia.
- AZEVEDO, A. (1961a). São Paulo: da vila quinhentista à metrôpole regional. *Boletim Paulista de Geografia, 39*, 12-46.
- AZEVEDO, A. (1961b). Garanhuns. Estudo de geografia urbana. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, IX* (II).
- AZEVEDO, A. (1964). As cidades. In A. Azevedo (ed.), *Brasil: a terra e o homem* (Volume II: A vida humana, pp. 211-282). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- AZEVEDO, A. (1965). Santos na década de 1870. In: *Cochranes do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional.
- BLANCHARD, R. (1911). *Grenoble: Étude de Géographie Urbaine*. Paris: Armand Colin.
- COSINSCHI, M.; RACINE, J.-B. (1998). Géographie urbaine. In A. Bailly (coord.), *Les concepts de la géographie humaine* (pp. 123-147). Paris: Armand Colin.
- COSTA GOMEZ, P. C. (1993). Quelques réflexions sur les catégories de la pensée vidalienne. In P. Claval (dir.), *Autour de Vidal de La Blache. La formations de l'École française de géographie* (pp. 89-97). Paris: CNRS Éditions.
- DAVEAU, S. (2014) Nota Introdutória. In: O. Ribeiro (aut.), *Opúsculos Geográficos (Tomo III, pp. 9-12)*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- DENEUX, J.F. (2000). *Histoire de la pensée géographique*. Paris: Belin.
- FLORENÇANO, P., & AZEVEDO, A. (1950). São Paulo, metrôpole moderna. *Boletim Paulista de Geografia, 5*, 53-62.

- GANDY, M. (2004). Rethinking urban metabolism: water, space and the modern city. *City: Analysis of Urban Trends, Culture, Theory, Policy, Action*, 8 (3), 371-387.
- GARCIA, J. (1998). Orlando Ribeiro (1911-1997) – O mundo à sua procura. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, XIV, 107-116.
- GERBER, A., & PATTERSON, B. (2014). *Metaphors in Architecture and Urbanism: An Introduction*. Londres: Transcript.
- HOLANDA, S. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1947)
- LAVEDAN, P. (1936). *Géographies des Villes*. Paris: Gallimard.
- LYNCH, K. (1981). *Good City Form*. Boston: MIT Press.
- MEHMOOD, A. (2010). On the history and potentials of evolutionary metaphors in urban planning. *Planning Theory*, 9, 63-87.
- MÜLLER, N.L. (1974). In memoriam: Aroldo de Azevedo (1910-1974). *Revista de História*, 50, 863-864.
- NIENTIED, P. (2016). Metaphor and urban studies – a crossover, theory and a case study of SS Rotterdam. *City, Territory and Architecture*, 3. Disponível em <https://cityterritoryarchitecture.springeropen.com/track/pdf/10.1186/s40410-016-0051-z>
- OLIVEIRA, F. R. (2001). Notícias bibliográficas sobre o urbanismo colonial português dos séculos XV a XVII (primeira parte: a década de 1980 e inéditos de Orlando Ribeiro), *GeoUERJ Revista do Departamento de Geografia*, 9, 19-31.
- OLIVEIRA, F. R. (2002). Estudos sobre o urbanismo colonial português dos séculos XV-XVII: estado da questão, *Garcia de Orta – Série de Geografia*, 18 (1-2), 1-20.
- PAIVA, D. (2013). Ribeiro, O. (2011 [1945]), Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico. *Investigaciones Geográficas – Boletín del Instituto de Geografía de la UNAM*, 80, 129-132.
- PAIVA, D., & OLIVEIRA, F.R. (2019). The organic metaphor in twentieth-century Lusophone urban geography: cities and their history in the work of Aroldo de Azevedo and Orlando Ribeiro. *Journal of Historical Geography*, 63, 73-81.
- RIBEIRO, O. (1938). Le site et la croissance de Lisbonne. *Bulletin de l'Association de Géographes Français*, 115, 99-103.
- RIBEIRO, O. (1946). Evolução e Perspectivas dos Estudos Olisiponenes. *Revista Municipal*, 27, 3-12.
- RIBEIRO, O. (1947). O Território de Lisboa. In: Matos Sequeira (org.), *Lisboa, Oito Séculos de História* (Volume I, pp. 2-11). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- RIBEIRO, O. (1955a). Em torno da estrutura de Lisboa. *Diário Popular*, 29, VIII.
- RIBEIRO, O. (1955b). São Paulo. Do Campo da Piratininga à metrópole do Brasil. *Brasília*, 9, 243-256.
- RIBEIRO, O. (1963). Cidade. In: J. Serrão (Ed.), *Dicionário de História de Portugal*. (Volume I, pp. 60-66). Lisboa: Iniciativas Editoriais.

- RIBEIRO, O. (1966). Veneza. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, I* (1), 99-110.
- RIBEIRO, O. (1967). Região e rede urbana: formas tradicionais e estruturas novas. *Revista de Geografia, 67*, 157-165.
- RIBEIRO, O. (1968). A Rua Direita de Viseu. *Geographica, IV* (16), 49-63.
- RIBEIRO, O. (1969). Proémio metodológico ao estudo das pequenas cidades portuguesas. *Finisterra, Revista Portuguesa da Geografia, IV* (7), 64-75.
- RIBEIRO, O. (1970a). Em torno das origens de Viseu. *Revista Portuguesa de História, XIII*, 211-229.
- RIBEIRO, O. (1970b). A Sertã: pequeno centro na área de xisto da Beira Baixa. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, V* (9), 103-112.
- RIBEIRO, O. (1972). Localização e destino dos centros urbanos de Trás-os-Montes. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, VII* (13), 46-70.
- RIBEIRO, O. (1975). O espaço urbano do Porto. Resultados e problemas. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, X* (19), 163-171.
- RIBEIRO, O. (1981). Las ciudades ibéricas tradicionales y su expansión por el mundo. In *Actas do I Colóquio Iberico de Geografia* (pp. 213-217). Salamanca.
- RIBEIRO, O. (1986). Évora. Sítio, origem, evolução e funções de uma cidade. In: Raquel Soeiro de Brito (coord.), *Estudos em Homenagem a Mariano Feio* (pp. 371-390). Lisbon: Livraria Minho.
- RIBEIRO, O. (1988). Toledo, Ciudad histórica y centro regional. In: *Simpósio Toledo Ciudad viva? Ciudad muerta?* (pp. 579-608). Toledo: Colégio Universitário de Toledo.
- RIBEIRO, O. (2011) *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico*. Lisboa: Letra Livre. (Originalmente publicado em 1945)
- RIBEIRO, O. (2013). *Geografia e Civilização. Temas Portugueses*. Lisboa: Letra Livre. (Originalmente publicado em 1961)
- RIBEIRO, O. (2014). O crescimento de Lisboa. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 15-29). Lisboa: Gulbenkian. (Originalmente redigido em 1935)
- RIBEIRO, O. (2014). Reflexões a propósito de algumas cidades do Brasil. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 487-494). Lisboa: Gulbenkian. (Originalmente redigido em 1952)
- RIBEIRO, O. (2014). Lisboa, a cidade e a região. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 105-111). Lisboa: Gulbenkian. (Originalmente redigido em 1964)
- RIBEIRO, O. (2014). As cidades do México. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 481-486). Lisboa: Gulbenkian. (Originalmente redigido em 1965)
- RIBEIRO, O. (2014). Toledo. Ensaio de Geografia Urbana. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 403-443). Lisboa: Gulbenkian. (Originalmente redigido entre 1977 e 1982)
- RIBEIRO, O. (2014). Aroldo de Azevedo (1910-1974). In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo I, pp. 773-776). Lisboa: Gulbenkian. (Originalmente publicado em 1978)

- RIBEIRO, O. (2014a). Lisboa, Génese de uma capital. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 73-104). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014b). Fragmentos sobre Lisboa. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 113-129). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014c). Achegas para a geografia urbana de Viseu. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 241-257). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014d). As cidades da Beira Interior. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 259-278). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014e). Turismo e Paseo em Toledo In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 445-448). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014f). Córdoba. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 477-479). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014g). Elementos estruturantes das cidades ibéricas. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 379-400). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014 h). A cidade portuguesa e a cidade espanhola na América. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 509-515). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014i). A cidade ibérica no mundo. Achegas para um estudo comparativo. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 517-542). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014j). Évora. A maior feira anual do sul do país. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 347-249). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014k). Achegas para o estudo das vilas alcandoradas do Alto Alentejo. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 351-363). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2014l). Notas para o estudo da cidade de Olivença. In: *Opúsculos Geográficos* (Tomo III, pp. 365-376). Lisboa: Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (2017). *Mestres, Colegas, Discípulos*. Vol. II. Lisboa: Gulbenkian.
- ROSSA, W. (2015). Urbanismo ou o discurso da cidade. In W. Rossa & M. C. Ribeiro (Org.), *Patrimónios de influência portuguesa: modos de olhar* (pp. 477-519). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SCHILDERS, P. (2010). *The Organic City: Method or Metaphor? The Meaning of 'Organic' in Architecture and Urban Planning*. Roterdão: International New Town Institute.
- SOLESBURY, W. (2013). *World Cities, City Worlds: Explorations with Metaphors, Icons and Perspectives*. Kibworth Beauchamp: Matador.
- SWYNGEDOUW, E. (2006). Circulations and metabolisms: (Hybrid) Natures and (Cyborg) cities. *Science as Culture*, 15 (2), 105-121.
- VASCONCELOS, P.A. (2012). *Dois séculos de pensamento sobre a cidade*. Salvador: Edufbar.